

O uso do livro didático em tempos de pandemia no ensino remoto como estratégias de mediação nas aulas de Língua Portuguesa¹.

The use of textbooks in times of pandemic in remote education as mediation strategies in Portuguese language classes.

Ranilza Francisca da Silva²
Sílvia Leticia Louzeiro Alves³

RESUMO:

O anúncio da pandemia no Brasil em março de 2020, o isolamento social para conter a contaminação pelo Covid-19 promoveram a redefinição de espaços e práticas de ensino. As aulas nas escolas começaram a acontecer virtualmente, o ensino remoto tornou-se uma realidade que transformou as casas em sala de aula. Com o atual cenário educacional, o espaço-tempo da escola foi ressignificado, exigiu novo olhar e inquietação sobre como e o quê ensinar. Os professores tiveram que se reinventar e ressignificar suas práticas. Essa realidade chama atenção e merece ser interrogada, especialmente quando levamos em conta o trabalho remoto do professor de língua portuguesa. Nesse sentido, essa pesquisa tem o objetivo de investigar a mediação e a interação do professor por meio da utilização do livro didático de português para o ensino fundamental em tempos de pandemia e ensino remoto. Delimitamos como corpus, aulas de português gravadas. Na análise, levamos em conta o uso do livro didático que a professora utiliza como prática pedagógica dessa mediação. Na análise pautou-se nas contribuições dos autores Geraldi (1997; 2010;2011;2020), Antunes (2003). Os documentos oficiais os PCN de Língua Portuguesa (1998). As práticas pedagógicas do professor nos permitem refletir sobre o uso do livro didático que foi produzido para trabalhar de forma presencial, porém vai para o ensino remoto, e o professor cria possibilidades de trabalhar a leitura e a escrita de forma significativa.

Palavras-chave: Aula De Português; Livro Didático; Ensino Remoto; Leitura; Escrita.

ABSTRACT:

The notice of the pandemic in Brazil in March 2020, the social isolation to contain the contamination by covid-19 promoted the redefinition of spaces and pedagogical practices. Classes in schools started to take place virtually, remote teaching became a reality that transformed homes in the classroom. With the actual educational scenario, the school's space-time has been reframed, requiring a new look and inquietude about how and what to teach. The teachers had to reinvent themselves and reframe their practices. This reality calls attention and deserves to be questioned, especially when we take into account the remote work of the portuguese language teacher. In this sense, this research objective to investigate the mediation and interaction of the teacher through the use of the portuguese textbook for basic education in times of pandemic and remote education. We delimited recorded portuguese classes as a corpus. In the analysis, we take into account the use as a pedagogical practice of this mediation. The analysis was based on the propositions of the authors. Geraldi (1997; 2010;2011;2020), Antunes (2003). The oficial documents PCN in Portuguese Language (1998). The teache's pedagogical practices allow us to reflect on the use of the textbook hat was produced to work in person, but goes to remote teaching, and the teacher creates possibilities to work on Reading and writing in a way meaningful.

Keywords: Portuguese Class; Textbook, Remote Teaching; Reading; Writing

¹ Uma versão menos desenvolvida foi publicada nos Anais do IV SETED com o título: a mediação do professor de língua portuguesa em tempos de pandemia no ensino remoto

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especialista em Fundamentos Linguísticos para o ensino da Leitura e da Escrita. E-mail: ranilza26@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2555-4865>

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especialista em Fundamentos Linguísticos para o ensino da Leitura e da Escrita. leticialouzeiro@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9467-3289>

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

Introdução

A pandemia no Brasil e suas diversas consequências redefiniram práticas e estratégias de ensino, o que permitiu a transformação do espaço físico escolar para o ambiente familiar. As casas se transformaram em salas de aula, pois as aulas necessitaram acontecer em um ambiente virtual e emergencial, fato que proporcionou a inicialização para as atividades remotas.

Como ensinar diante dessa realidade de ensino remoto? Antes tínhamos recursos, estratégias e preparação para lecionar de forma presencial como o auxílio do livro didático (LD), a lousa, leitura compartilhada e debates em sala. E agora os professores precisam rever o que fazer, para usar ou adaptar esses instrumentos às aulas remotas. E um dos recursos de grande importância para a educação é o livro didático, que foi elaborado para ser trabalhado no contexto presencial.

O livro didático (LD) é bastante significativo como apoio para o trabalho dos professores, e as escolas usufruem desse material por ser de acesso prático para todos, pois possibilita desenvolver competências e habilidades de leitura, escrita e oralidade. Esse recurso didático traz conceitos, informações sobre linguagem e possibilita ao professor roteiros e estratégias pedagógicas de como proceder as aulas propostas pelo próprio LD no processo de interação dessas habilidades.

Esse processo de interação era notado de forma mais clara entre os estudantes quando estávamos em sala de aula presencial e o professor fazendo o uso do livro e acompanhando, passo a passo, o desenvolvimento do seu estudante diante das indagações, debates e das correções das atividades. Mas o momento é de refletir sobre a aula remota e o papel do LD nesse novo cenário, pois o LD continua sendo um recurso importante, principalmente nas instituições privadas, e o professor precisa se reinventar e adaptar esse mesmo material a nova realidade seguindo ou aprimorando o roteiro posto por ele.

Esse material didático precisa ser usado pelos estudantes, porque houve um custo financeiro e há certa exigência da escola e dos pais, e o professor é cobrado a cumprir metas de usar o livro em sua totalidade; e além disso é desafiador para o professor fazer uso do livro didático que foi elaborado para ser trabalhado presencial, mas que precisa

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

ser usado no contexto remoto diante de um tempo reduzido e com o mesmo fim de cumprir prazos de conteúdos.

Considerando esse contexto, esta pesquisa se propõe a investigar e refletir a construção da aula de português e a utilização do livro didático nas práticas pedagógicas do professor de português. Nossos objetivos específicos são: discutir sobre a aula de português como uma experiência de ensino e pesquisa; observar aulas virtuais de língua portuguesa para alunos do ensino fundamental considerando as práticas de mediação pedagógica mobilizadas pelo professor; refletir sobre o espaço ocupado pelo livro didático nas aulas de português, no ensino remoto.

Partindo do que foi observado na mediação do professor durante as aulas remotas e levando em consideração o processo de leitura e escrita diante da interação entre professores e estudantes, buscamos neste trabalho abordar os seguintes questionamentos: Como o professor, enquanto mediador, constrói sua aula em tempos de pandemia? Qual o espaço do LD no roteiro das aulas remotas? Como buscar fazer das suas práticas de ensino-aprendizagem um espaço de interação?

Para responder os questionamentos levantados recortamos como corpus desta pesquisa três aulas remotas gravadas pelo aplicativo Google Meet os dados foram autorizados pela professora e pela instituição de ensino privada que está localizada em São Gonçalo do Amarante/RN. A coleta dessas aulas gravadas foi feita em uma turma do 8º ano do ensino fundamental II; o nosso objetivo foi observar a mediação da professora de Língua Portuguesa, levando em consideração o espaço ocupado pelo livro didático nas aulas remotas.

Para a análise buscamos aporte nos estudos de autores como Geraldini (1997; 2010; 2011; 2020) que nos ajuda a pensar sobre o trabalho do professor de português como mediador, como sujeito implicado como o ensino e a pesquisa da própria prática pedagógica; Larrosa (2011) nos possibilita ver o aprendizado a partir das experiências como algo que nos toca e acontece e assim nos faz sentir e observar a escola com um outro olhar diante desse cenário de pandemia; Irandé Antunes (2013) nos ajuda a pensar sobre a prática de ensino da língua através de uma abordagem interacionista, a qual propõe o ensino do português de forma inspiradora e motivadora na prática pedagógica. E como documentos oficiais utilizaremos os PCN de Língua Portuguesa (1998) que são

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

fundamentais para nortear professores e toda equipe pedagógica conforme cada disciplina da grade curricular.

Este estudo apresenta, primeiramente, o contexto histórico do cenário de pandemia, fundamentação teórica, centrada na mediação pedagógica do professor. Na sequência destaca-se a metodologia da pesquisa, uma reflexão sobre o uso do livro didático; depois a análise dos dados é concluída e, por fim, as considerações finais.

A pandemia no Brasil e suas diversas consequências redefiniram práticas e estratégias de ensino, o que permitiu a transformação do espaço físico escolar para o ambiente familiar. As casas se transformaram em salas de aula, pois as aulas necessitaram acontecer em um ambiente virtual e emergencial, fato que proporcionou a inicialização para as atividades remotas.

Como ensinar diante dessa realidade de ensino remoto? Antes tínhamos recursos, estratégias e preparação para lecionar de forma presencial como o auxílio do livro didático (LD), a lousa, leitura compartilhada e debates em sala. E agora os professores precisam rever o que fazer, para usar ou adaptar esses instrumentos às aulas remotas. E um dos recursos de grande importância para a educação é o livro didático, que foi elaborado para ser trabalhado no contexto presencial.

O livro didático (LD) é bastante significativo como apoio para o trabalho dos professores, e as escolas usufruem desse material por ser de acesso prático para todos, pois possibilita desenvolver competências e habilidades de leitura, escrita e oralidade. Esse recurso didático traz conceitos, informações sobre linguagem e possibilita ao professor roteiros e estratégias pedagógicas de como proceder as aulas propostas pelo próprio LD no processo de interação dessas habilidades.

Esse processo de interação era notado de forma mais clara entre os estudantes quando estávamos em sala de aula presencial e o professor fazendo o uso do livro e acompanhando, passo a passo, o desenvolvimento do seu estudante diante das indagações, debates e das correções das atividades. Mas o momento é de refletir sobre a aula remota e o papel do LD nesse novo cenário, pois o LD continua sendo um recurso importante, principalmente nas instituições privadas, e o professor precisa se reinventar e adaptar esse mesmo material a nova realidade seguindo ou aprimorando o roteiro posto por ele.

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

Esse material didático precisa ser usado pelos estudantes, porque houve um custo financeiro e há certa exigência da escola e dos pais, e o professor é cobrado a cumprir metas de usar o livro em sua totalidade; e além disso é desafiador para o professor fazer uso do livro didático que foi elaborado para ser trabalhado presencial, mas que precisa ser usado no contexto remoto diante de um tempo reduzido e com o mesmo fim de cumprir prazos de conteúdos.

Considerando esse contexto, esta pesquisa se propõe a investigar e refletir a construção da aula de português e a utilização do livro didático nas práticas pedagógicas do professor de português. Nossos objetivos específicos são: discutir sobre a aula de português como uma experiência de ensino e pesquisa; observar aulas virtuais de língua portuguesa para alunos do ensino fundamental considerando as práticas de mediação pedagógica mobilizadas pelo professor; refletir sobre o espaço ocupado pelo livro didático nas aulas de português, no ensino remoto.

Partindo do que foi observado na mediação do professor durante as aulas remotas e levando em consideração o processo de leitura e escrita diante da interação entre professores e estudantes, buscamos neste trabalho abordar os seguintes questionamentos: Como o professor, enquanto mediador, constrói sua aula em tempos de pandemia? Qual o espaço do LD no roteiro das aulas remotas? Como buscar fazer das suas práticas de ensino-aprendizagem um espaço de interação?

Para responder os questionamentos levantados recortamos como corpus desta pesquisa três aulas remotas gravadas pelo aplicativo Google Meet os dados foram autorizados pela professora e pela instituição de ensino privada que está localizada em São Gonçalo do Amarante/RN. A coleta dessas aulas gravadas foi feita em uma turma do 8º ano do ensino fundamental II; o nosso objetivo foi observar a mediação da professora de Língua Portuguesa, levando em consideração o espaço ocupado pelo livro didático nas aulas remotas.

Para a análise buscamos aporte nos estudos de autores como Geraldi (1997; 2010; 2011; 2020) que nos ajuda a pensar sobre o trabalho do professor de português como mediador, como sujeito implicado como o ensino e a pesquisa da própria prática pedagógica; Larrosa (2011) nos possibilita ver o aprendizado a partir das experiências como algo que nos toca e acontece e assim nos faz sentir e observar a escola com um outro olhar diante desse cenário de pandemia; Irandé Antunes (2013) nos ajuda a pensar

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

sobre a prática de ensino da língua através de uma abordagem interacionista, a qual propõe o ensino do português de forma inspiradora e motivadora na prática pedagógica. E como documentos oficiais utilizaremos os PCN de Língua Portuguesa (1998) que são fundamentais para nortear professores e toda equipe pedagógica conforme cada disciplina da grade curricular.

Este estudo apresenta, primeiramente, o contexto histórico do cenário de pandemia, fundamentação teórica, centrada na mediação pedagógica do professor. Na sequência destaca-se a metodologia da pesquisa, uma reflexão sobre o uso do livro didático; depois a análise dos dados é concluída e, por fim, as considerações finais.

Ensino remoto em tempos de pandemia e mediação pedagógica

Com a chegada da pandemia, no Brasil em março de 2020 vimos a prática remota ser difundida de forma alargada. Não tínhamos tempo hábil para nos prepararmos para este momento e os professores foram pegos de surpresa e surgiram muitas dificuldades em lecionar remotamente e foi preciso se reinventar diante dessa realidade e aprender a utilizar plataformas digitais, rever tempo, a preparação das aulas, as condições para dar suas aulas. E a educação, assim como outros setores sofreram bastante com tais mudanças.

E essas mudanças promoveram à educação o ensino remoto que veio como uma possível solução para tempos de pandemia, lembrando que diante dessa mudança houve algumas dúvidas por muitas pessoas, quanto ao diferenciar ensino remoto ao ensino a distância, pois o Ensino à Distância (EaD) se diferencia do ensino remoto, uma vez que no EaD as aulas são antecipadamente gravadas e há uma nomenclatura curricular diferente de aulas presenciais, já no ensino remoto preconiza a transmissão em tempo real das aulas, orientadas pelos mesmos princípios das aulas presenciais.

Além dessas transmissões há também as palestras virtuais que são atividades comuns nesse tempo de pandemia e têm contribuído bastante para desenvolver conhecimentos em diversas áreas, neste sentido Geraldi defende que o “ensino remoto ou educação à distância, diante da situação de pandemia e isolamento social está se fazendo uma exigência aos professores que com o sem capacidade técnica são obrigados a produzir aulas para os seus alunos e dar tarefas para seus alunos para que o ano letivo permaneça em pé.” (GERALDI, 2020).

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

O cenário atual é apresentado como a era da informação e do aprendizado rápido das tecnologias e os docentes que não estavam preparados para essa nova realidade precisaram se reinventar e cumprir com as exigências solicitadas pelas instituições de ensino para que assim o ano letivo desse continuidade, principalmente nas instituições privadas que buscaram se estruturar e recorrer às aulas remotas para manter alunos e custos financeiros da empresa.

As aulas remotas visam manter a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por diferentes localidades. O que antes poderia ser um problema para o professor seus estudantes utilizarem celulares em sala de aula, hoje é essencial para assistirem às aulas, ou talvez a forma como a linguagem da internet era vista (com abreviações, uso excessivo de pontuação associado a repetição das vogais) seria um problema trazê-la para a sala de aula, porém o que vemos é que a sala de aula está em um ambiente virtual e isto requer uma escrita bem mais monitorada tanto por parte dos professores quanto dos estudantes.

A pandemia permitiu o acesso às tecnologias de forma imediata e agora a escola está dentro das casas, as famílias se adaptando com os horários, ao uso da tecnologia e os professores buscando rever suas práticas pedagógicas nesse contexto de aulas remotas. E o professor ao rever suas práticas pedagógicas assume o papel de mediador do conhecimento e proporciona a experiência e a interação com os seus estudantes de forma significativa.

Ao falar de mediação vários sentidos vêm à tona, a mediação quanto ao saber do professor, a mediação do professor como alguém que transmite o saber por outra pessoa e a mediação enquanto desenvolver um conjunto de técnicas de controle em sala de aula. Nos detemos a trabalhar com a mediação e optamos em estudar a mediação quanto uma atividade de interação diante das práticas pedagógicas do professor e para isso nós nos apoiamos no que diz Geraldi (1997) na necessidade de pensar na mediação como um processo de uma identidade docente.

E essa identidade docente é construída na “concepção de professor mediador”, pois “Considero a mediação como um processo em que o professor auxilia o aluno em seu desenvolvimento, um diálogo com seu futuro” (GERALDI, 1997 p. 169), ou seja, o professor enquanto mediador não é o dono do saber e tão pouco reproduz saber, mas o

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

constrói auxiliando seu aluno e o levando mais próximo dos saberes que estão por vir com uma outra visão.

O professor enquanto mediador no contexto de aulas remotas é levado a novas experiências e segundo Larrosa (2011), “A experiência é o que me passa”, a qual precisamos vivenciar para nos formar e nos transformar como sujeitos. Acreditamos que o conhecimento e o contato com esse novo formato de aulas levaram os professores a refletirem suas práticas pedagógicas enquanto professor mediador. A mediação do professor faz parte de um conjunto de variáveis do ensino-aprendizagem e deve estar atrelada à prática educacional do professor favorecendo assim o objeto do conhecimento e seus sujeitos.

O objeto de ensino e, portanto, de aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem. E o professor vai planejar e dirigir ações didáticas, vai apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, observando as necessidades dos alunos e as possibilidades de aprendizagem.

Na mediação o docente é visto como um incentivador e motivador da aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos e compreenda o que de fato deve ser entendido. O processo de ensino-aprendizagem perpassa pela orientação/mediação do professor e com a utilização da internet, esta mediação tem se intensificado nos últimos anos. O acesso a internet e as ferramentas como o Google meet têm ajudado professores e alunos neste processo, pois facilita devido a dinamicidade durante os encontros online e durante as pesquisas pedagógicas.

A mediação do professor em tempos de pandemia é um desafio para o ensino remoto, pois além de ser desafiador, vem despertar em nós, entre outros, o desejo em aprender novas possibilidades de interação.

Sabemos que a linguagem virtual passa por vários processos e está caminhando para novos modelos de comunicação, em um deles se apresenta a interação do professor com o estudante através da oralidade. Geraldi (1997) nos diz sobre a interação verbal como o lugar da produção da linguagem e dos sujeitos que, neste processo, se constituem pela linguagem significa admitir:

a) Que a língua (no sentido sociolinguístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutor, na atividade de linguagem, a cada vez a (re) constrói;

b) Que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como produto deste mesmo processo;

c) Que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta.

O professor enquanto mediador colabora diretamente para esta interação, e o aprendizado precisa ser mediado e construído pela interação. Segundo Vygotsky (1991, p. 101) "O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer."

Vale ressaltar que o desenvolvimento desse saber não é feito apenas pelo professor, uma vez que a interação com os alunos também carrega saberes e eles têm conhecimento específico para mediar o acesso a diferentes saberes. Os estudantes, por sua vez, precisam se portar como protagonistas na construção de suas próprias ideias fundamentadas no que foi trabalhado em aula, com os colegas e o professor.

No processo de mediação e internalização dos conhecimentos encontramos dificuldades e Antunes (2003, p. 20) nos alerta para esta situação, quando nos fala que com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, deixa a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta.

Mediante a esta situação, entendemos que ensinar a ler e a escrever não é tarefa simples, e isto acarreta problemas com outras disciplinas. Neste cenário vemos o professor, mediador do conhecimento como alguém que irá buscar formas para que estas dificuldades sejam superadas.

Professores, gestores, profissionais da educação em geral, não sabem ao certo como conciliar a situação. Um novo cenário, uma nova realidade para se refletir as

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

estratégias de mediação do professor de Língua Portuguesa na construção do ensino-aprendizagem dos estudantes.

O ensino remoto veio como uma alternativa para a educação continuar e com isso muitas questões vieram à tona no que se refere a como pensar e fazer acontecer a aula, em um contexto marcado por inseguranças em relação à saúde, ao acesso e uso de tecnologias, aos equipamentos para a realização da aula, questões de conhecimento para o uso dos equipamentos, o tempo de aula comparado as aulas presenciais, a busca por estratégias para a continuidade do aprendizado dos estudantes e a mediação do professor.

Esses pontos de como pensar e fazer acontecer as aulas surgiram devido ao novo cenário que nos encontramos, portanto com a coleta dos dados e análise entenderemos melhor como a mediação do professor está sendo feita, e levando em consideração o processo de interação e as propostas de atividades na prática pedagógica para a continuidade do ensino-aprendizagem, pois acreditamos que o atual cenário das aulas remotas possibilitou ao professor de Língua Portuguesa novas estratégias de mediação ao se fazer uso do livro didático nesse espaço de aulas remotas.

Aulas de português e livro didático

A mediação não está pautada a uma única estratégia para fazer a leitura de um texto, é preciso outras possibilidades de escolhas de leitura para a construção do conhecimento pessoal. A escrita ao ser mediada pelo professor é importante a configuração textual, porém o saber a configuração no ensino não seja só de reconhecimento, mas de conhecimento, conforme mencionado por Geraldi (1997, p. 183) que não seja apenas de reprodução, mas de produção para construir o conhecimento.

Geraldi fala que o processo de desenvolvimento do aluno, principalmente no desenvolvimento da escrita por meio de leituras está associado a condições criadas pelos professores para que este desenvolvimento ocorra de forma natural. Geraldi traz o famoso conceito de zona de desenvolvimento proximal, introduzido por Vygotski, que mudou bastante a teoria ensino/aprendizagem e desenvolvimento.

É importante ressaltar que os estudantes já trazem consigo conhecimento de mundo, pois estão em processo de desenvolvimento e maturação e a zona de desenvolvimento potencial se estabelece entre aquilo que o professor/mediador tem a

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

contribuir e o que o estudante tem a aprender, numa troca de saberes resultando na zona de desenvolvimento proximal.

Uma das formas de mediar a realização de tarefas é a utilização do livro didático, que segundo Geraldi (1997), o livro surgiu como uma alternativa para o despreparo do professor, pois entre os anos 70 e 80 houve um crescimento da população escolar, o que resultou em 1 milhão de crianças matriculadas em escolas públicas em São Paulo.

Com o aumento do número de alunos houve a necessidade em aumentar a quantidade de professores, porém isto levantou um questionamento: onde buscá-los? A partir daí vimos formações de professores em cursos rápidos com pouco embasamento teórico e assim constatou-se o aumento da rede de escolas públicas em prédios escolares improvisados.

Geraldi (1997) nos fala também que neste momento surgiu o que conhecemos como “período intermediário”, o que significou a multiplicação dos períodos de funcionamento da escola. Neste contexto surge a criação do livro didático para suprir o despreparo dos professores devido suas rápidas formações, no entanto o que se viu foi máquinas de repetição de material. Com o tempo, o livro didático foi mudando e seu uso em salas de aula também.

Algo a se considerar também era o roteiro de conteúdo dos livros, constavam exercícios estruturais de aplicações, além disso, ainda se acreditava que o processo de ensinar estava em definir, deixa-se de lado o ensino do uso da língua em situações concretas de interação. Para Geraldi (1997), confunde-se estudar a língua com estudar gramática e a forma como a gramática é apresentada não desperta interesse à criança, porque nem sempre é valorizada a gramática natural que a criança traz quando vem para a escola (conhecimento prévio que os falantes interiorizam ouvindo e falando).

Geraldi (1997) nos mostra como eram feitas as leituras de textos, que eram selecionadas pelo professor através do próprio livro didático que foram organizados e introduzidos com o propósito de ler. O autor aponta alguns questionamentos relevantes para o processo de leitura “(...) para que se lê? O que se lê?”

E essa reflexão tem o papel de dizer que a leitura “faz do texto um meio de estimular operações mentais e não um meio de, operando mentalmente, produzir conhecimentos”. (GERALDI, 1997, p. 170) precisam estimular operações mentais levando o estudante a refletir e a produzir conhecimento, e nesse processo de leitura do texto e

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

propostas de atividades com perguntas às vezes o que é considerado não são respostas satisfatórias para o próprio aluno e sim para os parâmetros do que foi proposto pelo roteiro do material didático e pelo professor.

A leitura precisa fazer sentido e não simplesmente ser base para algumas respostas de atividade, é importante que a ligação da leitura as produções de textos realizados sejam assumidas pelos seus autores, seja ela real ou imaginário e assim as interpretações são feitas através de suas vivências. Quando há uma produtividade na leitura o texto começa a produzir sentido e assim fazendo um resgate de leituras externas da escola.

A produção requer busca de informações, a qual está no querer saber mais, e assim retiramos do texto tudo que tem para nos fornecer, segundo Geraldi (1997, p. 172) essas informações podemos chamar de “leitura-estudo-do-texto”. Esse procedimento mostra que a leitura infere interpretação a ponto de confrontar a palavra do autor com a do leitor, deixando claro que a palavra do autor não produz sentido sozinha, é necessário a produtividade de inferências do leitor quanto às referências, compreensão e leitura de mundo.

Diante do exposto, percebemos que mediar o processo ensino/aprendizagem requer criar condições e estratégias que permitam com que o aluno desenvolva sua cognição naturalmente, pois o desenvolvimento cognitivo não se pode ensinar diretamente (GERALDI, 2010).

A mediação no ensino remoto nos trouxe uma ampla discussão para estes tempos de pandemia. Como mediar o ensino/aprendizagem em aulas na modalidade remota? Já que este formato de aula requer muitas outras habilidades e recursos ainda nem tão explorados se as aulas permaneciam com suas atividades até então normais, mas de forma online. Como o professor faria para continuar com seu planejamento se não houvesse tempo hábil para lecionar tudo o que planejou?

Uma das soluções foi continuar utilizando o livro didático de forma mais prática, por meio de leituras compartilhadas e roteiros programados, pois com as atividades escolares presenciais temporariamente suspensas vimos que o professor precisou adaptar novas habilidades no processo de mediação, e isto se tornou um recurso principal para as aulas de Língua Portuguesa, mesmo diante da pandemia o LD foi prioridade a ponto de o estudante só conseguir assistir às aulas com o uso deste material, pois para o

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

desenvolvimento do aprendizado dos estudantes é de grande importância criar outras possibilidades de aprendizado.

Segundo Geraldi “ensinar a escrever obriga o professor a criar condições para desenvolver o processo de aprendizado”. (GERALDI, p.169 1991), e criar essas condições é atrelar ao contexto social e as vivências e experiências do aprendente para que assim desenvolva a sua autonomia com um olhar crítico e reflexivo sobre o seu saber, mas para isso ocorrer é de fundamental importância o professor mediar esse conhecimento.

Essas vivências estão diretamente ligadas às experiências construídas e trabalhadas anteriormente com esse estudante, Larrosa (2011) vai conceituar experiência como “isso que me passa” são acontecimentos de idas e voltas, a qual não posso tê-lo como minha propriedade, pois posso enxergar as experiências do outro nas minhas, posso retomar uma experiência que já me passou na construção da subjetividade do sujeito para trabalharmos a formação e a transformação do sujeito ao se deparar com a leitura e os conteúdos em sala.

E diante dessas experiências o professor busca assumir o papel de mediador, se aproxima dos seus estudantes ao interagir e ensinar a partir das suas vivências e com o auxílio do livro didático, que mesmo em aulas remotas, continuou sendo um instrumento de grande importância nas aulas.

Livro didático e estratégias de mediação do professor em aulas remotas

Observamos um total de três aulas gravadas com 50 minutos em média de duração cada aula. Nessas aulas buscamos refletir sobre a mediação do professor de língua portuguesa no cenário de ensino remoto. Os conteúdos destas aulas eram distintos, porém as duas primeiras aulas têm algo em comum: ambas possuem o gênero reportagem nas leituras compartilhadas. As aulas foram as seguintes: Retomada de vivências antecede a presença do Livro Didático; vamos lá leitores! Atividades de leitura a partir do Livro Didático e Contação de lendas em Podcast: uma estratégia de mediação.

Nessas aulas a professora utiliza a plataforma digital google Meet, além disso ela utiliza também outros recursos para preparar suas aulas, a exemplo o powerpoint e segue um roteiro preparado por ela. Algo a se considerar também ela prepara o ambiente das aulas, organiza a câmera, áudio e todo o material didático necessário para a aula.

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

A professora buscou se adaptar a essa nova escola/casa juntamente com seus aprendentes e quando chegou o momento “ação” dessa aula, a professora já havia feito toda a preparação da aula. Além disso, observamos que em todas as aulas foram utilizados slides, com explicação dos conteúdos e sequência de respostas das atividades para trabalhar o livro didático.

Outro fator importante é que antes da pandemia, havia 40 alunos matriculados nesta turma de 8º ano, após o início da pandemia permaneceram 35, o que representa uma queda de 12,5%. Estavam presentes nas aulas, em média 28 alunos; destes 28 alunos, apenas 11 dialogavam com a professora.

Percebemos que de um total de 28 alunos que assistem às aulas, 11 apenas dialogam com a professora. Alguns fatores podemos destacar, vejamos: a aula dura em média 50 minutos, não há tempo hábil para todos socializarem; nem todos os 28 alunos fizeram as atividades do livro didático, veremos isto mais adiante; nem todos os 28 alunos possuem o livro didático em mãos.

Retomada de vivências antecede a presença do livro didático

A aula do dia 6 de julho de 2020 começou com a professora conversando com a turma sobre as experiências que os alunos obtiveram no ano passado sobre um trabalho com o gênero “reportagem”. Esta foi a estratégia inicial que ela adotou para inserir a temática gênero textual reportagem, lembrando um trabalho que a turma fez e trazendo à memória experiências que facilitariam o entendimento do assunto abordado, como consta no exemplo abaixo retirado da descrição da aula.

Eu vou compartilhar outra tela com vocês, tá bom? Que é a tela do slide. Certo. E aqui a gente vai começar a nossa aula de hoje, nós vamos ver um gênero textual que a gente já conhece, inclusive que a gente fez um trabalho no ano passado eu lembro que algumas que a gente tem a opção de fazer escrito a reportagem escrita ou a reportagem gravada, lembram desse trabalho? (PROFESSORA)

Ao compartilhar a tela, a professora mostra imagens de diferentes tipos de beleza (imagens que não estão no livro didático) e com isso ela nos mostra que a tela digital com os power point virou o antigo quadro. Quando ela mostra os tipos de beleza, inicia uma conversa com os alunos sobre isso. Em seguida, ela retoma uma experiência que teve

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

com os alunos em que eles fizeram perguntas para produzir uma reportagem, pois para elaborar uma reportagem eles necessitariam de informações e fontes.

Logo após, a professora compartilha novamente a tela, mas com o conteúdo presente no livro didático e os textos do powerpoint eram os fragmentos do livro. Em seguida ela solicita uma leitura compartilhada da reportagem “*Beleza da diversidade: conheça os modelos que quebram tabus*”, publicado no Jornal Gazeta do Povo do livro da unidade 3 págs. 42 e 43.

A professora vai chamando pelos nomes dos estudantes para a leitura compartilhada e boa parte da turma interage na leitura da reportagem. A leitura tem duração de 9 minutos e 30 segundos e no decorrer da leitura compartilhada um dos estudantes está sem livro como mostra no fragmento abaixo:

Professora: Miguel.

Aluno: Peraí, professora, eu não tava com o livro na mão não, peraí

Professora: (risos) só assim a gente descobre

Nesse momento da aula a professora espera o estudante pegar o livro para dar prosseguimento a leitura entre os alunos, podemos perceber aqui com mais clareza o quanto o livro é de grande utilidade para conseguir acompanhar as aulas de português e fica claro também o quanto a mediação segue um roteiro do próprio livro didático. Logo em seguida ela levanta uns questionamentos para que os estudantes reflitam sobre a temática ‘Beleza da diversidade’, como veremos abaixo:

Nós vimos como é que acontece? Como é que acontece essa questão dos modelos e das modelos fora do padrão né? O que é o que é o padrão e aí a gente começa a repensar isso e interessante que o mundo da moda comece a repensar isso, né? Como como ele colocou como o Gustavo colocou lá em cima aqui no chat, né? Poxa como seria se todo mundo fosse igual, né, então e aqui a gente tem no texto essa questão da procura. Mas tem tem um monte viu dessa procura, né de quebrar esses padrões e de mostrar que a beleza de várias formas, de várias cores certo e eu acho isso muito bacana (PROFESSORA).

ISSN: 2359-1064

Levando em consideração as estratégias de mediação da professora, bem como a leitura compartilhada, isto nos leva a refletir sobre Geraldi (1997), quando ele aponta alguns questionamentos relevantes para o processo de leitura “(...) para que se lê? O que se lê?” Essa leitura precisa fazer sentido para quem lê para que assim haja a

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

compreensão para as propostas de atividades, pois depois dessa leitura a professora segue o roteiro de atividades do livro, a qual as respostas das atividades vão sendo apresentadas através de slides.

E nessa dinâmica a professora faz perguntas e apresenta as respostas. Algo a se observar também é que nas aulas presenciais geralmente os professores aguardam um tempo para os alunos responderem, no entanto neste formato, o tempo é mais curto, o que faz com que a professora apresente as respostas das atividades de forma mais dinâmica.

Em alguns momentos há conversas paralelas de outros assuntos como falar do estilo do professor de ciências, das aulas de Educação física, perguntam se a professora de Ética está bem, pois foi uma das vítimas do covid-19 e da esperança do possível retorno presencial e como uma forma de tranquilizar os alunos a professora diz: “Nós vamos e merecemos no final desse ano se Deus quiser uma festa bem linda de encerramento, teremos se Deus quiser, porque foi um ano de muita luta pra todos nós, tá sendo né, mas a gente vai vencer juntos”.

E para concluir a aula, a professora se despede fazendo mais uma vez uma reflexão sobre a temática trabalhada e deixando uma frase de Martha Medeiros e pede para eles assinarem o formulário de frequência.

Beleza! E que na próxima fazer a correção dessas atividades, tá bom? E finalizo aí com a frase da Martha Medeiros dela que diz que “Ser diferente pode ser mais estimulante do que ser melhor”. Então é isso, então é isso, tá bom. Ser diferente, manter a sua essência é importante que é e é mais interessante do que ser o melhor em tudo que você tiver realizando. Então, beijos, gente, passem lá no formulário e escrevam, porque nossa aula já está ó extrapolando e vocês ainda tem outra aula, porque senão a gente ficava aqui copiando viu. Tchau, beijos (PROFESSORA)

E assim se conclui esta aula de português seguindo um roteiro do próprio livro de perguntas e respostas prontas. Para Geraldini (1997, p. 179) “As perguntas já não são perguntas didáticas, mas perguntas efetivas que fazem diálogo da sala de aula uma troca e a construção do texto oral co-enunciado”, ou seja, o professor deixa de ser um mero avaliador e passa a ser o provocador da troca de informações e assim ocorre a interação entre professores e estudantes para que não seja apenas de reprodução e que seja de produção para construir o conhecimento.

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

Vamos lá leitores! Atividades de leitura a partir do livro didático

A aula do dia dez de agosto de 2020 teve como tema leitura e interpretação de infográfico. Esta temática foi retirada do livro didático que a professora utiliza com seus alunos.

O infográfico em questão trata de uma reportagem com o título - Condomínio: bom senso é essencial para convivência harmoniosa. Nele há dez itens que tratam sobre as regras de convivência dos condôminos. Observamos que esta temática aborda assuntos que envolvem a prática da cidadania, pois trata da convivência harmoniosa entre os moradores de um condomínio.

Antunes (2003) nos fala da importância em aproximar o estudo da língua desse ideal de “competência para a cidadania”, ou melhor dizendo, de “competências para a cidadania” – já representa um passo imensamente significativo, complementa a autora, pois para ela assim deve ser uma aula de língua portuguesa.

A aula inicia com a professora fazendo a chamada dos presentes e logo depois ela diz: “no final da aula eu compartilho aquele link da segunda chamada confirmando né que você tava e que atividade foi feita”. (Provavelmente referindo-se a algum aluno que perguntou sobre isso via chat).

Professora: “Pessoal, vou começar aqui a compartilhar a tela com vocês”. Logo após ela retoma o assunto da aula passada ao qual iniciou com as características de infográfico e diz que irá fazer a leitura de um infográfico com temática sobre condomínios. Observamos que esta estratégia em retomar as aulas passadas é um recurso bastante utilizado pela professora.

A professora chama os alunos para participarem da aula e fazerem a leitura compartilhada do infográfico diz: “vamos lá leitores, dez pessoas aí para fazerem a leitura e...”. Então o primeiro aluno se prontificou a fazer a leitura do item 01 referente a piscina.

Observamos que a professora chama os alunos de leitores, aqui ela deixa clara sua intenção, que é formar leitores, além do que ela utiliza a metodologia da leitura compartilhada, pois pede a participação dos alunos, exatamente para que haja trocas de conhecimento entre eles, o que resulta numa atividade interativa.

Uma atividade é interativa quando é realizada, conjuntamente, por duas ou mais pessoas cujas ações se interdependam na busca dos mesmos fins.

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

Assim, numa *inter-ação* (“ação entre”), o que cada um faz depende daquilo que o outro faz também: a iniciativa de um é regulada pelas condições do outro, e toda decisão leva em conta essas condições [...] (ANTUNES, 2003, p. 45).

A turma tem um total de 28 alunos presentes, dentre estes, onze interagem bem com a professora. Destacamos três alunos ao qual obtivemos as respostas das atividades que eles fizeram.

O aluno 01, participa ativamente das aulas, interage bem com a professora e com os demais alunos. Suas respostas no livro em sua maioria estão quase completas. A professora pergunta e ele está apto a responder, incentiva os outros alunos a participarem da aula. Utiliza o livro durante as aulas e responde as atividades no próprio livro. Destaca partes no texto que ele julga ser importante e participa ativamente das aulas.

O aluno 02 não interage nas aulas, mesmo não estando presente neste dia na aula, não se dispôs a resolver posteriormente as atividades do livro. Não há respostas dos exercícios, pois ele não fez as atividades. Ele geralmente não participa ativamente das aulas.

Já o aluno 03 não participa tanto nas aulas, pois fala pouco, porém faz anotações em seu livro, grifa partes que julga serem importantes, responde as atividades em seu livro e fez quase completa a sua atividade. É um aluno esforçado e muito dedicado. É proativo também. Por exemplo, no início da aula, quando a professora aguarda o próximo aluno que deverá ler, este aluno toma iniciativa e começa a leitura dos itens do infográfico. Está atento quando algo lhe é questionado, quando a professora pergunta: E aí, pessoal, o que é que você entende por infográfico? O que seria? Ele prontamente responde: Aluno: É uma imagem que... Professora: É uma imagem que? Aluno: Traz informações.

No próximo diálogo, observamos que a professora chama a atenção da turma para retomar a atenção à aula.

Vamos lá, olha aí, ó. Vamos lá, gente: questão 4. Página 85 já. É, o que se pode inferir sobre o item 5? Qual a provável razão de estar nesse infográfico? Vamos voltar lá.

O item 5 é enxergue o outro que foi aquele que eu também fiz uma observação, lembra? Eu disse ah! não precisa morar em condomínio para dizer pra chamar é para cumprimentar o vizinho, pra enxergar o outro, pra não sair dando bom dia, essas coisas (PROFESSORA).

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

A aula prossegue até que a professora perguntou se todos anotaram as respostas.

Professora: Conseguimos ai copiar, terminar essa página?

Aluno 1: Tudo na base dos prints

Professora: pois muito bem

Aluno 2: Esse povo, viu! Antigamente quando era na sala de aula tirava foto do quadro, agora é tudo print.

Aluno 1: Eu mal batia foto, copiava bem ligeiro ai.

Nestes exemplos de diálogo acima podemos traçar alguns hábitos que ocorrem dentro das salas de aula presenciais que é o fato de bater foto do quadro, o que agora nas aulas remotas, a foto cedeu espaço para o print, uma prática utilizada pelos alunos observados. São costumes que foram trazidos para as aulas remotas. Não é algo novo, mas sim algo que foi transformado.

Após as correções das atividades para casa, a professora já orienta a próxima atividade extra sala virtual que será uma pequena pesquisa sobre o gênero podcast. Ela diz que se o aluno já sabe o que é um podcast não precisará pesquisar o que é, apenas deverá ouvir um tipo de podcast. É interessante porque observamos que este assunto não está no livro didático deste trimestre, porém ao introduzir esta temática a professora está pensando sobre um projeto que ela pretende fazer mais à frente com toda turma, misturando os gêneros podcast e lendas folclóricas.

Antes da aula ser finalizada, a professora chama a atenção para uma frase que ela escolheu e colocou em slide “Colocar-se no lugar do outro...”. Aqui novamente vemos a atenção para a prática da cidadania, algo que deve ser comum nas aulas de língua portuguesa.

O que a professora propôs foi uma atividade que ajudou a todos os envolvidos na produção de um projeto pedagógico que contemplou a contação de lendas por meios de podcast. Os alunos gravaram seus áudios, em individual e/ou dupla, contendo efeitos sonoplásticos bem distintos e interessantes. O resultado veremos na próxima aula observada abaixo.

Em suma, a professora utiliza diversas estratégias de mediação neste formato remoto, entre elas: retoma assuntos de aulas passadas, faz leitura compartilhada, utiliza trechos do livro didático nos slides (até mesmo para ajudar na dinâmica da aula) e mesmo

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

com a conexão ruim às vezes, ela sempre repete o assunto quando é necessário e ao final da aula ela retoma o assunto abordado como forma de fixação e sempre finaliza com frases reflexivas.

Contação de lendas em *podcast*: uma estratégia de mediação

Na aula do dia 17 de agosto de 2020 a professora segue praticamente a mesma dinâmica das aulas anteriores com o uso do livro didático e com apresentação de slides, porém quando chega no final da aula ela propõe aos estudantes uma atividade diferente que não corresponde aquele roteiro de aulas prontas seguindo o livro didático. Vale salientar que o conteúdo de proposta da atividade estava presente no livro, porém seria assunto do trimestre posterior.

Nessa aula, ao apresentar a proposta de atividade, a professora pergunta sobre a pesquisa e alguns respondem o que pesquisaram e comentam o que é um *podcast* e a professora enfatiza mais uma vez como se estrutura o gênero e logo em seguida apresenta o quadro abaixo com as orientações da atividade.

Orientações para o Exercício de Oralidade/ <i>Podcast</i> :
1. Escolher uma lenda folclórica de sua preferência
2. Identificar a origem desta lenda (indígena? De qual tribo? De qual região? Onde você a ouviu? Quem te contou?)
3. Recontar esta lenda, recriando aspectos que você ache importante;
4. Elaborar uma reflexão sobre esta lenda;
5. Todos os passos acima serão gravados em forma de áudio (pelo celular, via mecanismo de “anotações” ou WhatsApp) para compor o formato <i>Podcast</i>
6. A sua gravação pode contar com efeitos sonoros.
7. O <i>Podcast</i> (história e reflexão narrada por você) deve ser enviado até o dia 31/08 – Via WhatsApp.

Quadro 1- Orientações para o Exercício de Oralidade/ *Podcast*:

Percebemos nesse momento algo inovador e a professora faz com que os alunos construam seus próprios conceitos de *podcast* através de pesquisas, ela media esse

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

saber de forma prática e contextualizada, pois a escola trabalha com um projeto folclórico anual, o que permitiu o uso híbrido dos gêneros podcast e lendas folclóricas.

A orientação é feita em forma de sequência, a qual é apresentado o passo a passo de como produzir a atividade que vai trabalhar a cultura, a origem e refletir sobre suas próprias identidades e cultura regional.

Observamos que de um total de 16 *podcasts* produzidos com lendas da lara, Curupira e outras lendas, o que mais predominou foram as lendas indígenas e quase todos os alunos seguiram as orientações da professora. Dentre eles destacamos dois *podcasts* que falam sobre a lenda da Vitória-régia e outra sobre o boto e os estudantes que desenvolveram essa atividade, além de seguir o passo a passo orientado, surpreenderam a todos, pois utilizaram efeitos sonoros bem próximos a uma técnica profissional. Dentre os 16 *podcasts* destacamos dois que foram bem criativos.

Podcast 1

(Música) Olá sábios populares bem-vindos ao Folclorando, então a história que será contada hoje é uma lenda indígena e amazônica, de origem tupi-guarani e é muito popular no Brasil, principalmente na região norte e eu terei o maior prazer juntamente com a membra do nosso podcast Camila em contar esta lenda que conheci pela internet. E antes de começar eu queria perguntar para vocês. Vocês conhecem a Vitória-régia? Se não, dar uma pesquisada light no google ou no pai dos burros. Agora chega de blá-blá se joga na cama ou puxa um banquinho porque a gente vai começar. Oi meu nome é Camila, sou membro do podcast há um tempo eu gostaria de agradecer a Alice, a criadora do Folclorando por ter me convidado a participar. Venho hoje contar a lenda da Vitória-Régia, então para os indígenas a lua era a Jaci que costumava a namorar as indígenas mais bonitas... Então pessoal eu acho que Naiá ficou um pouco obcecada demais nessa história nessa paixão com Jaci, tanto que ela se jogou de cabeça literalmente, mas no final né, deu tudo certo... Mas pera aí “tá vendo aquela lua que brilha lá no céu”, quando olhar para a lua e as estrelas lembre dessa lenda... Só não fiquem tão ansiosos com Naiá eu quero todos vivinhos da silva tá. Beijinhos.

ISSN: Quadro 2 - Aluno 1

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

Podcast 2

(Música) O boto, todos sabem foi uma lenda criada para justificar uma gravidez fora do casamento, bom era isso que todos os povos antigos diziam, um cientista da época queria capturar o boto e saber como ele virava um homem elegante e bonito e claro tentando justificar tudo isso a partir da ciência. Eu sou Manoel e essa é a minha história. O cientista fez o seu acampamento perto de onde o boto ficava e com o seu ajudante robô Push Penas capturaram o famoso boto e para não morrer o boto teve que virar um elegante homem... (barulho de marteladas)

Quadro 3 - Aluno 2

Observa-se no *podcast 1*, que a atividade desenvolvida pelo estudante seguiu as orientações à risca, pois a contação da lenda é indígena. É apresentado a origem e a região e de qual lugar foi retirado e como conheceu a história. A história é recontada por uma outra pessoa diferente de quem apresentou inicialmente e é feito também uma reflexão sobre a lenda e usa um trecho de uma música para fazer seus ouvintes lembrarem da lenda de forma bem criativa quando diz: Mas pera aí “tá vendo aquela lua que brilha lá no céu”, quando olhar para a lua e as estrelas lembre dessa lenda...” E o momento de reflexão é retomado no final quando diz: “Só não fiquem tão ansiosos com Naiá eu quero todos vivinhos da silva tá. Beijos.” Deixando a dica para que não fiquem tão ansiosos, pois não deseja que morram assim como a Naiá que ficou obcecada pela sua paixão por Jaci.

Enquanto o *podcast 2*, não segue todos os critérios solicitados pela professora, mas a estrutura do gênero é perceptível e aceitável, pois é feita a contação da história do boto e o aluno usa sua criatividade quanto a entonação de voz, os efeitos sonoros e ao apresentar no enredo os cientistas para desvendar a história do boto deixando uma mistura entre verdade e fantasia, quando o estudante diz: “cientista da época queria capturar o boto e saber como ele virava um homem elegante e bonito, e claro tentando justificar tudo isso a partir da ciência”. Apesar de não seguir totalmente a sequência apresentada pela professora, ele consegue ser criativo ao recontar a narrativa.

Nesta aula ficamos surpresas com as orientações e com os resultados obtidos, pois a professora de forma sutil pediu para que os estudantes pesquisassem o que era *podcast*. Depois avaliou as pesquisas e explicou a estrutura do gênero e em seguida mostrou o passo a passo da proposta de atividade, o qual foi repensado o conteúdo, pois

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

seria um gênero a se trabalhar no trimestre seguinte e ela aproveitou o contexto do projeto folclórico que a escola estava vivenciando no mês de agosto para trabalhar de forma híbrida dois gêneros orais: *podcast* e lenda.

Isto foi inovador, pois os estudantes foram protagonistas dos seus saberes, pois o gênero lendas já fazia parte do conhecimento deles, porém a experiência seria em uma outra nova estrutura e assim houve uma interação maior com todos os envolvidos.

Diante do exposto, percebemos que mesmo com as dificuldades em lecionar no formato remoto, a professora foi muito criativa e sábia ao escolher um tema tão contemporâneo (elaboração de *podcast*). Ela soube resgatar experiências de outras aulas associando ao conhecimento prévio dos alunos e utilizou além do *Google Meet*, aplicativos como *WhatsApp* que muito ajudou na elaboração da atividade e comunicação entre os envolvidos.

Conclusão

O atual cenário do ensino remoto tem contribuído e possibilitado a continuidade do ensino-aprendizado e oportunizando o aprender e o se reinventar na mediação das práticas através da casa/sala de aula. Nós observamos que na turma do 8º ano do ensino fundamental, alguns estudantes se adaptaram ao novo formato buscando interagir nas aulas remotas. E quanto ao uso do livro didático a professora sempre buscava alternativas para se comunicar com a turma e a estratégia mais prática foi o uso do livro didático, porque a maioria da turma possuía o livro em mãos.

Percebemos que o tempo foi insuficiente para trabalhar as atividades de maneira eficaz, porém a professora buscou ressignificar as suas práticas, pois observamos que a professora se detém bastante ao livro como a única alternativa para o aprendizado, mas acreditamos que essa atitude se deu porque a professora tem prazos e exigências da instituição para cumprir com os conteúdos dados.

Observamos que mesmo a mediação sendo feita com o uso constante do livro, uma novidade acontece: a professora se desvia do roteiro proposto pelo material didático e apresenta outras possibilidades para trabalhar a leitura e a escrita de forma dinâmica e criativa e assim desenvolveu com seus estudantes respostas significativas para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas remotas.

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

O presente trabalho é de grande relevância para os estudos voltados para a mediação do professor diante do novo formato de aulas remotas que foi a alternativa encontrada para a continuação do aprendizado, pois assim consolidou a busca e a curiosidade de rever práticas pedagógicas e como os profissionais da educação iriam ressignificar essa nova realidade diante do cenário de pandemia.

Portanto, com as aulas remotas diminuiu-se o tempo das aulas e foi preciso a professora ressignificar suas práticas pedagógicas. Ela buscou se adequar ao cenário atual e deixou claro que é possível construir novos roteiros e pensar em práticas significativas de aulas no formato remoto e desse modo dinamizar o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro & interação, - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010
_____. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In GERALDI, J. W.; ALMEIDA, M. J. et al. (org.). O texto na sala de aula. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 32-37.

GERALDI, J. W. Conferência: EaD: Porque não? **Associação Nacional de Pesquisa na Graduação em Letras**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ZK3cvwphL8> Acesso em 13 de marc. 2021. 14:15:10

LARROSA, Jorge. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: **aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico** (4a ed.). São Paulo: Scipione, 2002.

<https://sae.digital/aulas-remotas/acesso em 06/11/2020>

PACHECO, Rossana. **Coleção 8º ano**, anual/[et.al.] 3.ed – Curitiba: Opet, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. In: **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SILVA, R. F.; ALVES, S. L. L.

Como citar este artigo (ABNT)

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F. **O uso do livro didático em tempos de pandemia no ensino remoto como estratégias de mediação nas aulas de Língua Portuguesa.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 1, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F. (2021). **O uso do livro didático em tempos de pandemia no ensino remoto como estratégias de mediação nas aulas de Língua Portuguesa.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Recebido em: 20/04/2021

Aprovado em: 20/07/2021

Publicado em: 01/07/2021

ISSN: 2359-1064

